

O RELACIONAMENTO INTERPESSOAL EM UMA ESCOLA DE APLICAÇÃO: O QUE DIZEM OS ALUNOS

Eulália Soares Vieira ¹

Maria Ecieth Moura²

RESUMO

O presente estudo trata da discussão sobre o relacionamento interpessoal entre docentes e discentes do Ensino Fundamental II de uma Escola de Aplicação, a partir da escuta dos estudantes, no Projeto Diagnóstico Pedagógico, da Coordenação Pedagógica. De cunho qualitativo, utilizamos a aplicação dos questionários em 16 turmas do Ensino Fundamental II, com questões subjetivas e objetivas sobre o relacionamento interpessoal entre os docentes e discentes, tendo em vista a relevância desse aspecto para a efetivação da aprendizagem. Para Delizoicov(2009) se a aprendizagem é resultado das ações de um sujeito, não é resultado de qualquer ação: ela só se constrói em uma interação entre sujeito e o meio circundante. Motivar o aluno a interagir com as ações e atividades oportunizadas se faz de suma importância no processo de ensino-aprendizagem, e essa ação deve levantar a autoestima do discente, trazendo-o a um cenário interativo e dinâmico onde a mediação se coadune à cognição, favorecendo a construção do conhecimento. Os estudantes apontam dificuldades diversas em termos da interação entre eles e alguns professores, tais como a grosseria, a intolerância e os gritos de alguns docentes causando o temor e o silenciamento dos alunos, impactando nas suas aprendizagens. Os resultados sinalizam para a necessidade da reflexão docente sobre o trato com os discentes a fim de melhorar nesse aspecto. Indicam ainda o valor da afetividade, do respeito e da tolerância para o êxito do processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Relacionamento interpessoal, Processo ensino-aprendizagem, Vozes dos estudantes, Coordenação pedagógica.

INTRODUÇÃO

No âmbito educacional muito se tem discutido a respeito da qualidade do trabalho pedagógico desenvolvido pelas Escolas, tendo como condição fundamental a escuta e a valorização de todos os envolvidos no processo educativo. Visando a gestão democrática e compreendendo a educação como um movimento de emancipação humana, a Coordenação Pedagógica atua no processo de construção, execução e avaliação do Projeto Político Pedagógico da Escola.

O suporte aos discentes, o acompanhamento do processo de ensino aprendizagem, a integração entre Escola, família e comunidade, além da formação

1-Professora Doutora pela Universidade do Minho-UFAM; Coordenadora Pedagógica da EAUFPA; eulalisoaresvieira@gmail.com

2-Formanda do Curso de Pedagogia da UFPA; Bolsista da Coordenação Pedagógica da UFPA; maria.moura@iced.ufpa.br



permanente dos profissionais da Educação, são os alicerces da Coordenação Pedagógica e, portanto, a razão de ser deste trabalho. Embora com equipe reduzida (uma Pedagoga, uma Assistente Social e uma bolsista) para atender as demandas de 16 turmas do 6º ao 9º ano, na Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará (EAUFPA), a Coordenação Pedagógica do Ensino Fundamental II desenvolveu ao longo do ano de 2024, atividades formativas com os docentes, acompanhamento contínuo da aprendizagem dos estudantes, além da organização de momentos de integração com a família, denominados “Diálogos Escola Família” e ainda um Projeto de escuta dos estudantes sobre os diversos aspectos da Escola e do ensino que vivenciam, numa perspectiva de avaliação e de tomada de decisões a partir dos dados trazidos pelos estudantes.

Consideramos que os estudantes possuem ideias, percepções e concepções acerca do processo educativo e podem oferecer indicações para o aperfeiçoamento ou melhoria de tal processo. Defendemos que é urgente que as Escolas compreendam os estudantes como sujeitos socioculturais, possuidores de saberes e ainda como detentores de direitos a uma educação dialógica de qualidade, portanto, como elementos importantes da ação educativa. Dar voz ao aluno, compreendendo seus anseios e necessidades deveria ser uma rotina nas escolas públicas, sobretudo nas Escolas de Aplicação, embora nem sempre isso ocorra como nos ensina Vieira:

“A renovação da prática docente, certamente se faz considerando a vez e as vozes de todos os seus protagonistas, dentre eles os alunos, posto que nas ações pedagógicas não se pode ignorar o que os alunos pensam e sabem” (2008, p.41)

Trata-se, portanto, de compreender os estudantes nas suas diferenças como indivíduos que possuem historicidade, visões de mundo, escalas de valores, sentimentos, emoções, desejos, projetos, lógicas de comportamentos e hábitos que lhes são próprios. Nesse sentido, o presente estudo tem por objetivo apresentar os dados sobre a escuta dos alunos do Ensino Fundamental II da Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará, se debruçando sobre as vozes dos estudantes acerca do relacionamento interpessoal dos professores com os estudantes, podendo fornecer pistas para a melhoria das atividades desenvolvidas, além de subsidiar alternativas para

1-Professora Doutora pela Universidade do Minho-UFAM; Coordenadora Pedagógica da EAUFPA; eulalisoaresvieira@gmail.com

2-Formanda do Curso de Pedagogia da UFPA; Bolsista da Coordenação Pedagógica da UFPA; maria.moura@iced.ufpa.br



garantir a qualidade do trabalho educativo na referida Escola.

Estruturalmente, o presente trabalho contará, para além desta introdução, com o apontamento dos aspectos metodológicos do estudo, seguidos da apresentação dos dados, produto do levantamento realizado com os estudantes, com exposição e discussão da experiência pedagógica em questão com a literatura especializada e, por fim, serão feitas as considerações finais.

METODOLOGIA

O presente estudo foi desenvolvido em carácter qualitativo, desenvolvido pela Coordenação Pedagógica do Ensino Fundamental II. Foram utilizados questionários abertos como guia para a escuta das turmas. O questionário focou em diversos aspectos, entretanto neste artigo, nos deteremos e discutiremos os resultados a respeito das vozes dos estudantes sobre o relacionamento interpessoal entre os professores e os estudantes nas aulas, com a indicação de pontos positivos e sugestões de melhoria em relação às questões de relacionamento interpessoal professor-aluno, buscando identificar sugestões das turmas para a melhoria e aperfeiçoamento desse aspecto.

A análise dos dados obtidos por meio de escuta ativa dos estudantes deteve-se na observação das recorrências, ou seja, da reiteração de ideias, reflexões e perspectivas.

REFERENCIAL TEÓRICO

A escuta dos envolvidos sobre as decisões e as atividades que dizem respeito aos mesmos, pode contribuir para a renovação das práticas educativas e materialização de uma gestão democrática nas Escolas, a qual oportuniza a formação de sujeitos críticos e participativos. Ao escutar os estudantes, a Coordenação Pedagógica do Ensino Fundamental II da EAUFPA pretende garantir aos estudantes uma formação humana e cidadã, compromisso essencial para os tempos atuais, como nos ensina Carapeto:

1-Professora Doutora pela Universidade do Minho-UFAM; Coordenadora Pedagógica da EAUFPA; eulaliasoaresvieira@gmail.com

2-Formanda do Curso de Pedagogia da UFPA; Bolsista da Coordenação Pedagógica da UFPA; maria.moura@iced.ufpa.br



“O compromisso da Coordenação Pedagógica baseia-se no compromisso, em última instância, de garantia de qualidade de formação humana que se processa nas instituições escolares, no sistema educacional brasileiro, na atual conjuntura mundial. Não se esgota, portanto, nosaber fazer bem e no saber o que ensinar, mas no trabalhoarticulador e orgânico entre a verdadeira qualidade do trabalho pedagógico” (2001, p.93).

Defendemos que a sala de aula seja um lugar de respeito e de comunicação sadia, de estabelecimento de acordos coletivos sobre os comportamentos aceitáveis por parte dos professores e também dos alunos em suas interações. Por ser um espaço formativo, as aulas devem promover o diálogo e um clima favorável para que a aprendizagem se efetive plenamente. Para Freire,

“O clima de respeito que nasce de relações justas, sérias, humildes, generosas, em que a autoridade docente e as liberdades dos alunos se assumem eticamente, autentica o caráter formador do espaço pedagógico” (1996, p. 103).

Portanto, estimular o aluno nas aulas, fazendo com que ele interaja, não é uma ação menor, que pode ser feita de qualquer jeito, visto que o discente deve ser envolvido nas estratégias e dinâmicas das aulas, pois se entende que a aprendizagem não gira em torno do docente, mas envolve também o aluno.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A seguir, são apresentadas as análises dos resultados da aplicação dos questionários com a discussão dos mesmos, no aspecto destacado, a saber, do relacionamento interpessoal nas aulas.

A falta de interação de alguns professores com os estudantes e ainda conforme identificado nas respostas de alguns alunos, o uso por parte de alguns professores da grosseria, do deboche, da humilhação e da raiva, inclusive com palavras de baixo calão, possibilita-nos refletir sobre um aspecto fundamental do processo de ensino e de aprendizagem, o aspecto eminentemente interativo e afetivo desse processo. Sem a partilha de conhecimentos, sem a interação nas aulas, sem as trocas de ideias sobre os

1-Professora Doutora pela Universidade do Minho-UFAM; Coordenadora Pedagógica da EAUFPA; eulaliasoaresvieira@gmail.com

2-Formanda do Curso de Pedagogia da UFPA; Bolsista da Coordenação Pedagógica da UFPA; maria.moura@iced.ufpa.br



objetos de conhecimento e sem a afetividade como poderão os alunos aprender? Como um espaço-tempo de produção de conhecimentos, que não se dá fora da comunicação respeitosa e do exercício da linguagem e do pensamento crítico, as aulas exigem o debate, a partilha, a boa comunicação, o afeto e a troca de ideias.

Nessa perspectiva, a aula deve ser espaço-tempo coletivo de formulação de saberes, locus de produção de conhecimentos que pressupõe a existência de sujeitos que se relacionam, se comunicam e se comprometem com a ação vivida. Portanto, “professores e alunos podem, e devem desenvolver ações interativas de forma a transformá-la em um campo de debates sobre os temas em foco” (FARIAS *et al.*, 2011, p.166).

Para Rios (2008, p.) a aula é espaço de relações, encontros e trocas. Pressupõe, por isso mesmo, relações firmadas em bases democráticas, isto é, no compromisso, na confiança, na colaboração e no respeito mútuo. A autora defende que a aula não é algo que se dá, mas algo que se faz, ou melhor, que professores e alunos fazem juntos.

Nessa perspectiva, em relação ao aspecto do relacionamento interpessoal entre professores e alunos, nas aulas da Escola referida, as 16 turmas ouvidas avaliam como bom tal relacionamento, ainda que identifiquem dificuldades no relacionamento entre alguns professores e os estudantes, como relatados a seguir:

A turma nessa disciplina não consegue acompanhar a aula porque ele escreve muita coisa e antes de escrevermos, apaga o quadro. Cobra muita atividade, são 6 temas, para cada grupo, ele grita as vezes e responde com ignorância.

“Nessa aula teve palavras de baixo calão. Ele grita com os alunos, é ignorante. Ele é muito bravo, não dar chances ao aluno e não explica duas vezes. Para alguns alunos ele é mais rígido e ele acha que os alunos sabem de tudo”.

“O professor se estressa e não tem paciência, trata os alunos com ignorância”.

“Esse outro professor copia muito e passa muito dos limites”.

“O professor não responde às dificuldades dos alunos, ele é muito desorganizado, não dar para entender a letra e responde com ignorância”

“O professor muito ignorante, grosso, tem favoritos e perde muito tempo”.

“O professor é grosso, chama os alunos de retardados e só explica uma vez.

“O professor não responde legal, é ignorante.

“O professor é arrogante, apelida alunos, grita com a turma só dá aula olhando para janela e sempre passa do horário, explica fora de hora zoa dos alunos, os alunos tem medo de perguntar. Os meninos não saem para ir ao banheiro só as meninas.

1-Professora Doutora pela Universidade do Minho-UFAM; Coordenadora Pedagógica da EAUFPA; eulalisoaresvieira@gmail.com

2-Formanda do Curso de Pedagogia da UFPA; Bolsista da Coordenação Pedagógica da UFPA; maria.moura@iced.ufpa.br



“O Professor humilha, faz deboche com os alunos, muitas atividades para fazer, muitos textos 5 a 6 textos para uma prova. Sobrecarrega os alunos.

“O professor é grosso quando está de mau humor

“Tem dois professores que dão medo. Respondem com arrogância.

“O Professor não quer repetir as explicações, explica mal e quando os alunos pedem para explicar ou tirar dúvidas trata com ignorância e com raiva.

“A interação é praticamente inexistente na aula dessa professora. Ela raramente conversa com os estudantes, limitando-se a passar conteúdo sem estabelecer um vínculo mais próximo.

Percebe-se que as dificuldades no aspecto do relacionamento se referem à forma de comunicação de alguns professores (felizmente, uma minoria) com os alunos. Compreendemos que a sala de aula, por ser um espaço plural, por se constituir num espaço-tempo onde transitam diferentes histórias, é espaço de conflitos, encontros e desencontros, assim como também existem possibilidades de construir a capacidade humana, mediada por relações dialógicas. Ou seja, a relação pedagógica pressupõe o equilíbrio entre a autoridade e o autoritarismo, permeado pelo diálogo respeitoso entre todos os sujeitos.

Nessa perspectiva, ao responderem com ignorância, ao humilhar os alunos, ao zoar dos alunos, ao responder de forma grosseira ou com raiva, as perguntas que os alunos fazem sobre os assuntos da aula, esses professores acabam por “meter medo” nos alunos, impedindo que tirem dúvidas sobre os assuntos desenvolvidos e certamente, dificultam a aprendizagem dos estudantes, impedem ou atrapalham a compreensão desses assuntos. Ao responder com mal humor, com deboche e ignorância comprometem uma comunicação que favoreça a aprendizagem e o desenvolvimento dos alunos. Ao se negarem a repetir a explicação aos alunos que pretendam tirar suas dúvidas, tais professores não permitem o avanço dos alunos, além de deixarem de lado uma excelente oportunidade de interação e de diálogo com a turma e de desenvolvimento da afetividade nas turmas, aspecto relevante para o comprometimento dos alunos nas aulas e para uma aprendizagem significativa e efetiva.

A afetividade e a interação entre alunos e professores precisa fazer parte das aulas. A boa interação, o bom relacionamento entre professores e estudantes faz uma diferença enorme na motivação dos alunos nas aulas e conseqüentemente na aprendizagem dos conteúdos, como defende Ribeiro:

1-Professora Doutora pela Universidade do Minho-UFAM; Coordenadora Pedagógica da EAUFPA; eulalisoaresvieira@gmail.com

2-Formanda do Curso de Pedagogia da UFPA; Bolsista da Coordenação Pedagógica da UFPA; maria.moura@iced.ufpa.br



[...] a afetividade pode estimular ou inibir o processo de aprendizagem dos alunos: do ponto de vista negativo, a ausência desse fator aparece como a principal fonte de dificuldades da aprendizagem dos sujeitos; ao contrário, do ponto de vista positivo, a sua presença favorece a relação do aluno com as disciplinas do currículo e com o professor, e assegura, conseqüentemente, melhores desempenhos nos estudos. (2010, p.406):

As aulas por serem espaços-tempos de interações e de trocas de saberes, pressupõe o diálogo respeitoso e recíproco entre os estudantes e os professores. Debochar, humilhar, apelidar, zoar são comportamentos contraproducentes e inaceitáveis pois poderão contribuir para a formação de indivíduos passivos, desinteressados, amedrontados e pouco participativos ao invés de cidadãos participativos e críticos.

Consideramos de suma importância o presente trabalho para a compreensão das percepções sobre o relacionamento interpessoal nas aulas e acreditamos que a participação dos estudantes, através de suas manifestações sobre o aspecto do relacionamento interpessoal e sobre as alternativas para a melhoria ou aperfeiçoamento do trabalho educativo é de fundamental relevância para a construção da Escola que queremos construir coletivamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escuta dos alunos em relação aos diversos aspectos aqui evidenciados, sobretudo aos aspectos referentes às aulas e ao relacionamento entre alunos e professores nas aulas demonstram as possibilidades e os limites das práticas educativas no ensino fundamental II e colocam desafios para esta escola de aplicação, para a Coordenação Pedagógica e para seus professores, em função principalmente das condições privilegiadas de uma Escola de Aplicação. Torna-se imprescindível que se retome tais práticas de ensino para atualizá-las ao se buscar refletir coletivamente sobre as metodologias de ensino interativas e sobre a efetiva interação entre os alunos e os professores, na perspectiva do respeito, da

1-Professora Doutora pela Universidade do Minho-UFAM; Coordenadora Pedagógica da EAUFPA; eulaliaoaresvieira@gmail.com

2-Formanda do Curso de Pedagogia da UFPA; Bolsista da Coordenação Pedagógica da UFPA; maria.moura@iced.ufpa.br



colaboração entre ambos e por que não na seleção dos conteúdos significativos pelos estudantes, na perspectiva da efetiva construção da aprendizagem significativa dos estudantes, preparando-os de fato para o exercício da cidadania.

Igualmente, os momentos formativos desenvolvidos na Escola, através do planejamento da Coordenação Pedagógica, precisam e devem promover a reflexão, o estudo e o planejamento de práticas educativas diferenciadas tanto no aspecto metodológico e avaliativo quanto no aspecto do relacionamento interpessoal, visando o protagonismo estudantil e a interação nas aulas..

A inovação educativa perpassa a escuta dos estudantes a qual se constitui numa oportunidade singular de avaliação das práticas educativas das Escolas e poderá contribuir para a melhoria do trabalho em curso, para o processo de democratização da gestão, para a transformação das relações humanas na escola e, sobretudo, para a melhoria da qualidade social do processo de ensino e da aprendizagem, visando a formação de cidadãos críticos e reflexivos.

REFERÊNCIAS

- CARAPETO, N. S. (2001). Supervisão educacional: novas exigências, novos conceitos, novos significados. In: RANGEL, M. (Org.). *Supervisão pedagógica – princípios e práticas*. São Paulo: Papyrus.
- FARIAS, I. M.S. de; SALES, J. de O. C. B. et al. (2011). *Didática e docência: aprendendo a profissão*. Brasília, Líder.
- FREIRE, P. (1996). *Pedagogia da Autonomia*. 18 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- RIBEIRO, M. L. (2010). A afetividade na relação educativa. *Estudos de Psicologia*. Campinas 27(3) (403-412)- julho- setembro.
- RIOS, T. A. (2008). A dimensão ética da aula ou o que nós fazemos com eles. In: VEIGA, I. (org.). *Aula: gênese, dimensões, princípios e práticas*. Campinas: Papyrus.
- VIEIRA, E.S. (2008). *Escolas diferenciadas praticam um ensino de ciências diferenciado para melhor? O que dizem os estudantes sobre o ensino de ciências de uma Escola de Aplicação*. Dissertação de Mestrado. UFPA/NPADC.

1-Professora Doutora pela Universidade do Minho-UFAM; Coordenadora Pedagógica da EAUFPA; eulalisoaresvieira@gmail.com

2-Formanda do Curso de Pedagogia da UFPA; Bolsista da Coordenação Pedagógica da UFPA; maria.moura@iced.ufpa.br

